

[DRAMATURGIA]

AGIDI

Hugo Mengarelli

[[[]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

edições  tempora

SINOPSE

Em um futuro distorcido pela tecnologia, corrupção e controle midiático, a jornalista Agidi confronta o poder com a força de sua palavra. Inspirada em *Antígona*, de Sófocles, a peça transita entre redações frenéticas, conspirações políticas e mitologias afro-brasileiras, enquanto expõe as tensões entre ética, memória e resistência.

O AUTOR

Hugo Mengarelli (1946–2022) foi dramaturgo, diretor e professor. Argentino radicado em Curitiba, atuou por mais de quatro décadas na UFPR, onde fundou o TEUNI e a companhia PalavrAção. Sua peça *Agidi – Uma Antígona Brasileira* une crítica social e mitologia afro-brasileira. Também escreveu e dirigiu para o cinema, com destaque para *Roça* (1985).

[DRAMATURGIA]



Avalie o livro
neste QRcode

Hugo Mengarelli

Agidi

baseada em Antígona de Sófocles

edições  tempora

Coordenação editorial

Mylle Pampuch

Revisão

Paula Nishizima

Diagramação

Amanda Barros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mengarelli, Hugo
Agidi / Hugo Mengarelli. -- Curitiba, PR : Edições Temporales, 2025.

ISBN 978-65-87736-39-6

1. Teatro brasileiro I. Título.

25-274897

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Todos os direitos reservados ao autor da obra

[2025]
www.edicoestemporales.com.br

O CENÁRIO É UM ENORME SARCÓFAGO, ONDE APARECEM: REDAÇÃO DO DEP. DE JORNALISMO DA UNIVERSAL, REPRESENTAÇÃO DE ULN, ESCRITÓRIOS, PRISÃO, ETC.

1. – A CHEGADA E O ENCONTRO

Coro acompanha a chegada de Janos Power em dirigível projetado na TELA – Cantam “Ghost Riders in the Sky”:

*And as the riders loped on by him, He heard one call his
name,
If you want to save your soul from hell a riding on the range,
Then cowboy better change your ways or with us you will
ride, Trying to catch the devil’s herd across the endless skies.
Yip-i-ya-a, Yip-i-ya-o, Ghost riders in the sky.*

Representação da ULN (United League of Nations)

IMAGENS PROJETADAS SOBRE UMA TELA SOBRE A GUERRA, VIOLÊNCIA URBANA, DESOCUPAÇÃO E MISÉRIA, ETC., ETC., ETC. ELAS DEVEM SER TANTO DOCUMENTAIS, COMO FICCIONAIS. O SOM VAI DESDE EXPLOSÕES E RUÍDOS A MÚSICAS. DEPOIS APARECEM JANOS POWER E EDMUNDO, ENQUANTO FALAM, AS IMAGENS CONTINUAM.

JANOS POWER: *My old friend, tell me, please.* Fala-me um pouco das tuas coisas.

EDMUNDO (angustiado): Prenderam Agidi.

JANOS POWER: (com preocupação): Acabo de me inteirar.

(reagindo) Mas o que ela foi fazer justamente lá?

EDMUNDO (reagindo com certa violência): Foi procurar o seu irmão. Que eu saiba, morto deve ser enterrado.

JANOS POWER: Calma, Edmundo, calma. Parece que Agidi te passa seu fogo.

EDMUNDO: Ah, Janos, ela é minha mulher.

JANOS POWER: Ainda não.

EDMUNDO: Como 'ainda não'?

JANOS POWER: Não estão casados e nem sequer vivem juntos.

EDMUNDO: Eu lhe desconheço, Janos, não era assim que pensava...

JANOS POWER (cortando): Pare de ser uma criança rebelde. Mas o que Ernesto estava fazendo lá, a não ser estar participando do ataque guerrilheiro? Caiu com uma Ultra P5 nas mãos: não era para fazer ruído porque o Brasil foi campeão!

EDMUNDO: Mas poderiam ter recuperado o cadáver.

JANOS POWER: Isso foi uma decisão de segurança interna. Aí a *United League of Nations* determina que só em caso de comoção interna, perigo de uma grande revolução, ela intervém. Mas Zumbi dos Palmares não oferece, ainda, maior perigo.

EDMUNDO: O que vai acontecer com Agidi?

JANOS POWER: Nada de muito grave. Só espero que ela não esteja envolvida também.

EDMUNDO: Está querendo dizer que eu também estou envolvido?

JANOS POWER: E está?

EDMUNDO (ficando de pé, exaltado): Você não é o Janos que eu conheci. Aquele filósofo progressista se fantasiou de burocrata neoliberal ou foi sempre um neoliberal que estava fantasiado de filósofo progressista? (vai sair e é cortado por Janos Power).

JANOS POWER: E você é o discípulo que imaginei ter ou será que seu jornalismo já te tornou um considerável idiota? (Edmundo

fica surpreso e comovido) Edmundo, escuta o que tantas vezes te falei: na vida há momentos nos quais não dá para ver a “Banda Passar”, lembra? Ou você pega a batuta, ou a batuta te faz dançar, isn’t that correct?

EDMUNDO (meneando a cabeça, concorda) It’s correct.

JANOS POWER: Quanto menos enfiar a mão nesses lamaçais de guerrilha e corrupção, mais limpa as terei para segurar a batuta. Eu sou inglês, *my friend*, gosto de ver algumas bandas passarem, mas com a garantia da batuta na minhas mãos. *Understood?*

EDMUNDO: *Yes, I understand.*

JANOS POWER: Vivemos um mundo de “tolerância zero”... com os ladrões de galinha: mas com os senhores que falam em honradez e trabalho e que nunca passaram nem perto do significado dessas palavras, a tolerância é *ad infinitum*. *Capice?* Esses mesmos senhores, que vivem condenando os miseráveis, entraram na onda dessa tal “modernidade” e esqueceram que a onda podia arrastá-los. Resultado: o *social apartheid* tomou uma dimensão estratosférica. Do que era a *guerra tácita*, passamos à *guerra declarada* com esses sem-nada que agora ameaçam as grandes cidades, que nós fechamos com tropas ou cercamos com raio laser.

EDMUNDO: Tudo isso era o que Agidi foi lhe colocando na reportagem. Nada novo no reino podre da Dinamarca.

JANOS POWER: Exatamente, acha que sou cego? Mas não vou abrir o jogo. Nada novo, sim, mas que fazemos com o podre?... O cheiro já não se aguenta.

EDMUNDO: Por agora quero tirar Agidi dessa merda.

JANOS POWER: Agidi, diante de tudo isto, é pouca coisa. (Edmundo se surpreende, cobrando) Cadê esse jovem que po-

dia abotoar uma serpente sem lhe dar tempo de sacar a língua? Já está escrevendo sobre futebol. Agora, só te falta fazer uma cobertura sobre desfile de moda.

EDMUNDO: Amo, pombas! Será que isso não é o suficiente?!

JANOS POWER: Quando amor paralisa, isso é degradante. Isso é mortífero.

EDMUNDO (reagindo): Quer que entregue Agidi a essa canalha que tanto critica?

JANOS POWER: Bandas tem muitas, mas os que sabem segurar uma batuta, esses são poucos. (Toma a batuta e dirige o CORO que canta "Ghost Riders in the Sky", enquanto na tela veem-se aviões de todo tipo, desde os de passageiro até aviões bombardeiros, em plena ação; também se veem foguetes)

HÁ UMA PASSAGEM ATÉ O APARECIMENTO DO CORO COM BATIDAS DE CANDOMBLÉ E CAPOEIRA.

2 – CORO: COM EVOLUÇÕES COREOGRÁFICAS ENTRE O CANDOM- BLÉ E A CAPOEIRA

*Corifeu canta acompanhado pelo Coro – Apresentação da
peça: Evoluções de Candomblé misturado com Capoeira.*

CORIFEU: Esta história passará
nos conta Oxumaré,
como no tempo de Ifé
consultando a Ifá.

Aô Boboiê! Aô Boboiê! Camará!!! (“Vamos celebrar e elogiar”)

Dizem que Destino
é caudal fio...

Aô Boboiê! Aô Boboiê! Camará!!!

E como um rio
não tem retorno...

Aô Boboiê! Aô Boboiê! Camará!!!

Se Orunmilá desejar,
que ele tudo o sabe,

Afèdèfèyò! Afèdèfèyò! Axé! (“Falar a língua iorubá”, “Assim
seja”)

pode me ensinar
o ori do rio mudar.

Afèdèfèyò! Afèdèfèyò! Axé!

O ferro pode prender
o ferro pode matar.

Afèdèfèyò! Afèdèfèyò! Axé!

Mas não há ninguém
Como *Afèdèfèyò*, cortar.
Afèdèfèyò! Afèdèfèyò! Axé!

3 – DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 1 – CENA 1

Redação

VÁRIAS PESSOAS MOVIMENTANDO-SE DIANTE DE MONITORES E COMPUTADORES E SEUS APARELHOS CELULARES TAVGIS ESTÃO NAS SUAS MESAS DE TRABALHO.

EDMUNDO: Vamos, pessoal, estamos em cima da hora! Rhuan, ainda não terminou o *script* sobre a vinda de Janos Power?!

RHUAN: Está pronto, já entreguei a Ernesto.

ERNESTO: Aqui, Edmundo. (aproximando-se até Edmundo) Seu grande mestre, companheiro, está chegando. (entregando o texto) Acho que vai gostar. Rhuan fez um belo trabalho.

EDMUNDO: Veja o resto! (para Clarissa) O TAVGIS internacional está liberado?

CLARISSA: Tudo em ordem.

EDMUNDO (para Silvério): Revisor, o DNPS está pronto? Precisamos do jornal na rua dentro de uma hora. (para Ida). Os efeitos digitais, prontos?

IDA: Prontos.

EDMUNDO: E o material visual, para o jornal?

IDA: Bastante bem.

EDMUNDO: Ida, não se entusiasme tanto, é 70% de imagens e 30% de texto e não 85% de imagens. Silvério, como deixou passar isso?

SILVÉRIO (gaguejando): Ma... ma... ma... s era so... so... so-bre es-por... por... te, pe... pe... pelo

geral es... es... porte tem... tem um pouco mais de... de... de se... se... seten... ta de imagens.

EDMUNDO (enquanto vai limpando os cristais de seus óculos sujos como consequência do gaguejo de Silvério): Um pouco mais são 2 ou 3% e não 15%. Superamos as velhas histórias em quadrinhos.

SILVÉRIO (ao entender o que estava passando): De... de... desculpe. (Edmundo volta a limpar os óculos).

RHUAN: Harold Foster não se teria amimado a tanto. Bom, pelo menos temos um jornal de imagens.

IDA: Quem é esse Foster?

EDMUNDO (para Rhuan): Deixa a ironia para outro momento. (para Ida) Não se preocupe, Ida, não é da concorrência.

ERNESTO: As 100 câmaras externas estão ligadas, os repórteres, prontos. Os TAVGIS locais funcionando.

(entra Waldo, muito agitado)

WALDO: *Buemba, Buemba!* Digo: Bomba, Bomba!

ERNESTO: O que foi, teve o descaro de atropelar um carro?

WALDO: Confirmação absoluta com documentos e tudo. Olhem! (mostrando o material) Escrito, gravado e filmado. Jorge Cordeiro facilitou toda a negociata da construção da Super-Ponte. O governo está ferrado. (Para Silvério) Obrigado, pela força.

EDMUNDO (tomando o material, para Ernesto): E o TAVGIS do Presidente?

ERNESTO: Esse sempre está ligado.

EDMUNDO: Então, Ernesto, fura a “fila” e edita já o material filmado. Waldo, veja o material sonoro e passe para Agidi o resto. OK, vamos lá! (Para Silvério) Mas, meu caro revisor, como você conseguiu?

SILVÉRIO: É... é... é secre... creto, ma... mas Fi... Fi... Fidélio começou a... a... abrir o ca... caminho.

O PESSOAL SE MOVIMENTA DESENVOLVENDO AS TAREFAS, ENQUANTO ERNESTO ENTRA EM CONTATO COM AGIDI, QUE APARECE NA TELA, E PASSA AS INFORMAÇÕES.

VOZ EM OFF: Faltam trinta segundos.

NA TELA APARECE A APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA “**AO INSTANTE COM AGIDI**”

AGIDI (na tela): Meus caros amigos, um segundo, dizem, hoje pode custar uma direção, uma derrota, até mesmo uma presidência. (enquanto fala Agidi, na penumbra, na sala de jornalismo, o pessoal todo se movimenta acompanhando o trabalho) Estamos aqui para que o segundo não nos derrube. Por isso, já entramos em contato com o Planalto, diretamente com o Sr. Presidente Francisco Hélio Cavalcanti. (aparece na tela uma imagem do presidente e pouco depois a imagem ao vivo dele) Senhor Presidente, boa noite.

PRESIDENTE: É um prazer falar com você, Agidi. Mas por que tanta urgência?

AGIDI: Nos desculpe, senhor, mas é por causa de seu assessor. (muda a aparência do Presidente, que fica surpreso e apreensivo) Parece que o senhor Jorge Carneiro está profundamente envolvido no caso da Super-Ponte.

PRESIDENTE: Minha amiga, Agidi: sobre isso muito andou se falando, as pessoas gostam de exagerar.

AGIDI: Senhor Presidente, lhe estamos enviando, pelo canal paralelo da TAVGIS, documentos, filmes e gravações sobre o envolvimento de seu assessor.

PRESIDENTE (profundamente comovido, defensivo) Eu desconheço o que pode haver por trás.

AGIDI: Agora o senhor poderá conhecer o que há pela frente. (o pessoal na redação vibra)

PRESIDENTE (muito incomodado e diplomático): Agradeço a você e à Universal por esta colaboração. Mas devo lhe dizer, minha distinta repórter, que o senhor Jorge Carneiro é suficientemente adulto para se responsabilizar por qualquer dos atos em que possa estar envolvido.

AGIDI: Devo lhe dizer, também, Senhor Presidente, que seu assessor é tanto responsável quanto quem o nomeou. Aliás, para qualquer cargo, quanto menos o de Presidente da República.

(todos gritam alvoroçados e olham para Edmundo que está como hipnotizado diante da figura inquiridora de Agidi)

ERNESTO (para Edmundo): Meu caro cunhado, ela tem o Axé da palavra, é filha de Xangô. Xangô dé! Xangô dé!! Káwóó Kábiyèsi ("Xangô está chegando, venham ver e admirar o Rei").

FICAM AS IMAGENS DO PRESIDENTE CONSTRANGIDO E DE AGIDI INQUIRINDO SEM PARAR. COMEÇA A SE ESCUTAR A BATIDA DE XANGÔ. ENQUANTO A CENA ESCURECE APARECE FIDÉLIO QUE FICA POR UM TEMPO ILUMINADO, ENQUANTO O CORO CANTA.

CORO: *Xangó dé! Xangô dé!! Káwóó Kábiyèsi*

Emi Xangô obá Ati Babá Inã. ("Eu sou Xangô, o rei e pai do fogo")

4 - DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 1 – CENA 2

Escritório de Ernesto.

ERNESTO: Conseguiu entrar? O que descobriu?

FIDÉLIO (tem um disquete na mão): Isto é a maior bom... (para ao ver entrar Edmundo, esconde o disquete)

EDMUNDO: Acabam de se comunicar comigo. A oposição está pedindo o impeachment. (olhando para Fidélio bastante assustado) O que está acontecendo com meu hacker preferido?

FIDÉLIO: Nada, estou surpreso com toda essa questão de corrupção.

EDMUNDO: Surpreso por isso? É como se surpreender que numa banda toque um tambor. (Ernesto observa com certa surpresa pelo rumo da conversa).

FIDÉLIO: Nem sempre dá em *impeachment*.

EDMUNDO: Tudo bem, se não está a fim de falar...

FIDÉLIO (como que se defendendo): Não tenho nada para falar.

EDMUNDO (sacando): Não?! Bom, se é assim. Agora eu estou saindo, vou dar um beijo nessa crioula maravilhosa.

ERNESTO (brincando, como uma forma de descontrair o clima): Um só. A não ser que você termine se queimando com o fogo de sua boca. (Edmundo sorri e sai. Para Fidélio) Me diz agora, que bomba é essa?

FIDÉLIO (sacudindo o disquete): Oh, cara, isto é apocalíptico.

ERNESTO: O quê? Fala!

FIDÉLIO: Consegui entrar no *site* secreto dos Serviços de Inteligência...

ERNESTO: E então?

FIDÉLIO: *A Central Intelligence Footing – CAO.* Já ouviu falar?

ERNESTO: Não. E...?

FIDÉLIO: A tal de CAO tem um projeto que se chama “Antivírus”.

ERNESTO: Antivírus! O que é isso?

FIDÉLIO: Querem acabar com os vírus!

ERNESTO (impaciente): E quem são os vírus?

FIDÉLIO: Sei lá, você, eu. O projeto é exterminar milhares, milhões, bilhões, sei lá. Parecem que querem acabar com a humanidade.

ERNESTO: Guerra bacteriológica. Sabe de que se trata?

FIDÉLIO: O antivírus provoca a SIRS - Síndrome Resposta Inflamatória Sistemática, noutras palavras, infecção generalizada. Você sabe que o vírus possui uma “chave” para abrir a “fechadura” das células-alvos. Estas terminam hospedando o vírus. Então, eles estão desenvolvendo dois tipos de vacinas, para aqueles que sejam os “escolhidos”. Uma vacina, a chamada de vacina T, tem como impedir a abertura da “fechadura”, é uma espécie de co-receptora do vírus, e acaba “escondendo-o” através de um novo elaborado, partindo da substância

interferon. É a vacina anticorpostática, que enfraquece as proteínas CCT5, responsáveis pela penetração do vírus. Noutras palavras: o cara pega o vírus, mas não o desenvolve.

ERNESTO: Tá, e a outra?

FIDÉLIO: A outra, a chamam de D, funciona criando um sistema anticorpopfágico, composto de uma combinação de aminoglicosídeos - antibiótico bactericida - e de antivírus que provoca uma violenta redução do CCT5, ou mesmo o desaparecimento

da proteína por um tempo limitado, necessário para o desencadeamento da Peste por todas as partes, sem provocar nenhum prejuízo no paciente.

ERNESTO: Fidélio, isso é foda cara, é foda! Por que essa diferença?

FIDÉLIO: Pelo seguinte: antes de soltar o "antivírus" eles vão propagar uma epidemia de gripe onde estará à disposição de todos as vacinas antigripe. Aí, os "escolhidos" receberão, também, as outras vacinas dependendo de serem totalmente confiáveis, a D, *definitive*... ou parcialmente confiáveis, a T, *temporary*...

ERNESTO: Ê, Orapa!

FIDÉLIO: O quê?

ERNESTO: Orapa, lá na Botsuana. Essa é a rara epidemia que no ano passado exterminou praticamente uma população inteira perto de Orapa.

FIDÉLIO: Estou lembrando, mas sobreviveram algumas pessoas.

ERNESTO (chamando a uma resposta): Isto é?!

FIDÉLIO: Estavam testando as vacinas.

ERNESTO: Ou pelo menos uma delas. Talvez haverá novos testes.

FIDÉLIO: O que parece é que essa tal de CAO está em tudo isso e o pior, está no coração da União da Liga.

ERNESTO: Atotô, Atotô, Omolú!

FIDÉLIO: O quê?

ERNESTO: Estou saudando o Rei e Senhor da Terra, Omolú... Estes senhores assumiram o lugar de serem os orixás das doenças contagiosas. (mudando) Quanto tempo você ficou conectado?

FIDÉLIO: Das vinte vezes que tive que entrar, só uma vez ultrapassei os 10 segundos.

ERNESTO: Quanto?

FIDÉLIO: Um ou dois segundos, não foi mais do que isso. O limite de perigo de permanência dentro do sistema de informação é 15 segundos. Acho que, nesse ponto, não vamos ter problemas.

ERNESTO: Esperemos que não. Quanto mais secreto é o *site*, mais curto é o tempo de descobrirem. Temos que agir depressa e em silêncio, ninguém pode saber. Vem, vamos preparar a distribuição com urgência, isto deve ser propagado, é a única maneira que temos de parar essa loucura.

A CENA ESCURECE

CORO: *Totô hum! Totô hum! Atotó! Atotó!*

(“Respeito e Submissão”)

5 – DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 2

Redação

CLARISSA: Vocês viram esta foto do Ministro Gregórios? Olhem! Vejam se não é a antologia da safadeza?

SILVÉRIO (gaguejando acentuadamente): O bo... bo... bo...

IDA (molesta, tratando de ajudar Silvério): Boboca, é um boboca, Silvério.

SILVÉRIO: Que bo... bo... boca, bo... boiola está de... de... de merda até... te... te... aqui, pe... pe... pela cam... cam...

IDA (novamente molesta, tratando de ajudar): Cancha que imaginava ter.

SILVÉRIO: Que can... que can..., pela Cam... Cambada... que... que... que lhe aprontou tudo isso. (para Ida) Será que vo... vo... você...

IDA (cortando Silvério, para Rhuan): Mas esse cara não para nunca de rir! E olha a mulher dele!

SILVÉRIO: Que mu... que mu... mulher, se ela só... só... só está pa... pa... para a... a... compor a foto.

RHUAN: (interpretando com muito sarcasmo) En una exacta / foto del diario / señor ministro / del imposible // vi en pleno gozo / y en plena euforia / y en plena (exagerando) risa / su rostro simple // seré curioso / señor ministro / de qué se ríe? / de qué se ríe?

CLARISSA: Não precisa ser muito inteligente para sabê-lo, de quem vai rir a não ser da gente?!

IDA (para Rhuan): Quem é esse poeta?

RHUAN: Mario Benedetti, um poeta uruguaio, *mi abuelo* adora ele.

IDA: Teu avô é uruguaio?

RHUAN: Argentino. Não, (com certo humor e resignação) pior do que isso, porteño. (o pessoal ri)

CLARISSA: Rhuan, você concorda com a crítica que Mamberti fez da peça de Horácio Mallorca? **RHUAN:** Mamberti fala o que a classe teatral quer, e como a classe não compreende Mallorca, Mamberti o enforca.

CLARISSA: Uma obra de arte tem que ser entendida?

RHUAN: Entendida, em extensão, em tensão, sim. Isto é, compreendida *ma non troppo*, porque, então, deixaria de ser uma obra de arte. Passaria a ser lição de matemática.

NO MOMENTO EM QUE ENTRA EDMUNDO, AGIDI APARECE NA TELA E COMEÇA A FAZER A ENTREVISTA COM JANOS POWER. O PESSOAL, NA PENUMBRA, SEGUE OS ACONTECIMENTOS. EDMUNDO ESTÁ MUITO ATENTO.

AGIDI: *Mister Janos Power, how are you?*

JANOS POWER: *I'm great, thank you.* Como anda passando essa bela e competente moça?

AGIDI: Estou bem. Obrigada.

JANOS POWER: E meu grande amigo a trata bem? (Há grande alegria no rosto de Edmundo)

AGIDI (sorrindo): Muito bem, é claro.

JANOS POWER: Deve ser desse jeito, do contrário, eu faço com que o Ed fique sem mundo. (todos riem. Agidi e Janos Power também) Mande um forte abraço para ele, diga que nos veremos logo.

AGIDI: A primeira pergunta que lhe quero fazer é: por que o adiantamento da viagem para o sul? Se deveria ao pedido de abertura do processo de *Impeachment*?

JANOS POWER: Não necessariamente. Além do mais, agora estou me inteirando desse pedido de *impeachment*.

AGIDI: Mas o senhor estava sabendo das denúncias.

JANOS POWER: Denúncias é o que não faltam, a questão está sempre em prová-las.

AGIDI: O confirmam montanhas de documentos.

JANOS POWER: Isso deverá ser visto pela *United League of Nations*, hoje é ela quem vai julgar se cabe ou não o pedido de *Impeachment*, portanto, deveremos esperar para ver.

AGIDI: A grande reação de setores populares na maioria dos países da Liga vem justamente como consequência de estes terem perdido sua autodeterminação. O grupo guerrilheiro ZUMBI DOS PALMARES, que hoje atua no nosso país, tem como bandeira a palavra SOBERANIA. Como o senhor vê isso?

JANOS POWER: Eu creio que já temos falado disso, inclusive com Edmundo. A *United League of Nations* não nasceu para ferir a soberania, senão para defendê-la. Nós tratamos de encontrar o melhor caminho para o desenvolvimento de nossos países. Dentro da maior paz e harmonia que nosso tempo permite.

AGIDI: Estou me lembrando disso, Mr. Janos Power, mas o senhor acredita que está se conseguindo, quando o povo cada vez mais é tomado pela marginalidade?

JANOS POWER (contemporizando e sorridente): Você não perde nunca seu espírito radical, Agidi. (Edmundo vai mudando a medida que avança o diálogo, vai ficando cada vez mais apreenhivo) Agora vejo porque meu afilhado está tão apaixonado por

você. (mudando para algo mais enérgico) Nenhum governo que assinou para fazer parte da United League of Nations chegou ao poder a não ser pelo processo democrático. Cada atitude dos governos passou pelo seu legislativo. E se não fosse desse jeito, não haveria lugar na Liga. Somos, por essência, democráticos. E esses grupos, quanto representam a não ser uma simples minoria e, além de tudo, praticando a violência?

AGIDI: Violência não seria também a corrupção e o total desequilíbrio da distribuição de renda? Violência não seria a repressão policial e quando não militar sobre os setores mais indigentes? É pacifismo ver uma minoria desperdiçar enquanto grande parte da população está no desamparo, torcendo para que no dia que tenham que encarar um hospital, possam chegar no final da fila e serem atendidos? (Edmundo toma sua cabeça quase com preocupação, enquanto os olhos de Ernesto brilham de alegria).

IDA (admirada): Ela é peituda!

SILVÉRIO: Pe... pe... pelo menos vo... vo... você enxerga, ... né?!
(Agidi possui belíssimos seios)

JANOS POWER: (quase perdendo a linha): Esta é uma discussão muito antiga. Em nome de tudo isso se tem cometido grandes atrocidades.

AGIDI: Isso o vemos diariamente, é só percorrer as periferias para vermos a barbárie da marginalidade, corpos e corpos "desovados", massacres de gangues inteiras, a intempérie como único teto de crianças e velhos. (Edmundo, atende um telefonema e fica indeciso, mais preocupado)

JANOS POWER (tratando de não perder a linha. Recompondo-se): Isso não é nenhuma novidade.

AGIDI: A resistência dos povos, também não.

JANOS POWER: Então, vamos deixar tudo ao Deus dará.

AGIDI: *"E se Deus não dá, como é que vai ficar?"*

JANOS POWER: A senhorita não acredita na democracia?

AGIDI: A de poder falar qualquer coisa? *Democracia? É dar a todos, o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um.* Como disse o poeta.

JANOS POWER: As possibilidades estão aí para todos.

AGIDI: É bem verdade, mas nunca vi paralítico executar pênalti.

(Rhuan parece sentir uma grande felicidade. Todos olham admirados, menos Edmundo, que começa a andar sem poder tomar uma resolução).

JANOS POWER: Eu também não, mas, Agidi, a senhorita acha que isso será possível? Não é utopia demais?

AGIDI: Isso também é bem verdade, mas já que o senhor se esquivava da metáfora lhe direi: eu só vejo representantes de grandes poderes econômicos executando pênaltis.

JANOS POWER: A senhorita bem o reconhece, paralítico não pode fazê-lo.

AGIDI: Mas nem por isso estão impedidos de fazer explodir o estádio.

JANOS POWER: Se não a conhecesse, poderia pensar que está querendo explodir comigo! (ri tratando de se descontraír)

AGIDI: Não é meu jeito explodir ninguém e sim colocar as contradições, só assim poderão ser superadas.

JANOS POWER (recompondo-se e mais paternal): Agidi, como lhe falei, tudo dentro do que nosso tempo permite. Virá um outro tempo, diferente, mais justo e com uma paz menos derradeira. Pode ter certeza de que nisso estou empenhado.

AGIDI: Deveria ser um empenho não só do senhor. (Edmundo está muito angustiado)

JANOS POWER (profundamente amigável): Well, pelo menos, (acentuando) agora, estou sentindo que não estou sozinho (sorrindo para Agidi, Edmundo parece relaxar). Mas com uma diferença: (pausa de forma sedutora) Seus encantos, devo lhe dizer, não são os meus.

AGIDI (sorri): Devo lhe dizer, também, que meu não é o seu poder. (Janos assimila com elegância) Espero que saiba me desculpar pelo tom de minhas perguntas, mas elas estão por aí, a gente apenas é seu eco, enquanto puder...

JANOS POWER (muito gentil): Agidi, não precisa se explicar, conheço você há algum tempo e espero que continue podendo. Precisamos de repórteres com sua coragem e competência. Não é fácil de enfrentá-la, é um grande desafio, só posso lhe parabenizar. See you later.

(Edmundo fica mais tranquilo)

AGIDI : Eu, em nome da TAVGIS 3, UNIVERSO SISTEMA TERASMÍDIA, agradeço por sua sempre gentil atenção.

ESCURECE A TELA E ILUMINA-SE A CENA

WALDO (para Edmundo): Agidi vai fundo. Que mulher, êh, chefe?!

EDMUNDO (lentamente vai descontraindo-se e termina sorrindo. Como para si mesmo muito emocionado): Que mulher!

A CENA ESCURECE.

6 - O ENCONTRO – 2

CONTINUAM AS PROJEÇÕES NA TELA SOBRE VIOLÊNCIA, CORRUPÇÃO, MISÉRIA, ETC.

JANOS POWER: Esses mesmos senhores que mamaram séculos da *RES-PUBLIC* são as que a transformaram em *RES-PRIVATUS*, ou se quiser, a república, a coisa pública, virou “reprivata”, coisa privada, ou na privada, como quiser. Você viu o ministro alemão Helmut Koehler, ele se disse ético porque manteve sua “palavra de honra” e se sujeitou à òmerta, a lei do silêncio da máfia siciliana, *La Cosa Nostra*. Bom, foi aí que se transformou num *picciotto*.

EDMUNDO: *Picciotto?!*

JANOS POWER: É assim que se denomina quando alguém mostra lealdade à Família: *Picciotto*, que significa “homem honrado”. O princípio do fim. Hoje, máfia e políticos se confundem para não dizer que são a mesma coisa.

EDMUNDO: Você nos falava disso há muito tempo. E na economia? É ela quem manda, quem faz governo.

JANOS POWER: É, a que financia tudo. Antigamente o dinheiro era da economia, um meio. Hoje, é o fim. O capitalismo hoje imita a máfia para obter seus lucros, a máfia se estrutura como as grandes empresas para operar “legalmente”. Podemos notar, ambas souberam trocar experiências, o poder econômico tradicional e o marginal. Na realidade, ninguém sabe quem é mais mafioso, *capice?* O poeta tinha razão: ...o que é um assalto a um banco comparado à fundação de um banco? Que se pode fazer com essa cambada de corruptos e degenerados que só atinam à autodestruição? E o que é esse povo que restou no desamparo e na total perdição, sem um mínimo de esperança, senão um canceroso em estado terminal?

EDMUNDO: E o que se pode fazer?

JANOS POWER: Eutanásia. As maçãs podres se jogam fora.

EDMUNDO (surpreso): Mas essas maçãs são a maioria!

JANOS POWER: Você quer perder tudo? Os marxistas ficaram masturbando-se com a luta de classes e com o paraíso socialista, e como bons humanistas, isto é, bons cristãos, ficaram se preocupando com a miséria dos outros. Só com um pequeno erro, fizeram da utopia algo “possível”. Pobre, ou, como dizem aqui, coitado, fodido Marx. Não existe um bom economista neoliberal que não tenha uma leitura depurada de “O Capital”. Estes lembram o que os marxistas esqueceram, o melhor da obra do filósofo, a questão do “fetichismo” e a teoria do “valor”. Lembram, mas para o uso perverso! Aliás, os maiores governantes neoliberais surgiram do próprio marxismo, não acha isto um paradoxo? A globalização não é por acaso o grande sonho do comunismo? Cinquenta anos atrás, quando alguém no Ocidente falava da União Soviética, de China ou de Cuba, o establishment que respondia? (Em tom de gozação) “Mas o que tem a ver a realidade desses países com os nossos?”, “Nossa idiossincrasia não se parece em nada com o estilo de vida que levam”. No entanto, já faz mais de trinta anos que se alguém espirra em Singapura, no Brasil, na França, nos Estados Unidos ou na África do Sul, pode pegar pneumonia... Chegamos ao comunismo pelo avesso, Cristo desceu da cruz para abraçar seu camarada, o jovem Marx, enquanto o velho deve estar suicidando-se no túmulo.

EDMUNDO: Então, o que está fazendo como Super Primeiro-Ministro Plenipotenciário da União?

JANOS POWER: Good question! Assassinar a utopia, my old friend Edmond, mas há que a pôr de novo em jogo. A utopia é como Dulcineia, só está aí para o Quixote lutar contra os moínhos de vento, que, aliás, são a maior paixão do homem. É dessa mentirinha que ele se segura. (Mudando) C’est fini l’utopie, c’est fini l’histoire. Por isso, não há mais ideologia. Aliás, não há

ideologia que sirva para porcaria alguma. Entramos na era do fim dos tempos, fim de One World, para o nascimento do Novo Tempo. Eliminado o dejetos, o ar fica mais rarefeito... até que emerja uma ideologia outra (sorri); que a falta de ideologia é a pior de todas as ideologias. Esta é a autodestruição de que te falava a pouco. Vivemos no mundo do “tudo vale”.

EDMUNDO: Isso todo o mundo sabe.

JANOS POWER: Se todo o mundo sabe e nada faz, todo o mundo é cúmplice.

EDMUNDO: Isso é muito animador.

7 – DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 3 – CENA 1

Redação

O PESSOAL ESTÁ CONCENTRADO NA SUAS TAREFAS.

ENTRA WALDO, AGITADO.

WALDO: Lembram do delegado Monteiro? (alguns confirmam)
Colecionou mais dois balaços.

RHUAN: Mais dois?!

WALDO: Três registros, cinco balas.

RHUAN: Delegado cinco balas. (mudando) Bandidos?

WALDO: Sim... da polícia. A coisa está feia, acertaram o rim dele.

CLARISSA: Não foi este cara que havia denunciado que as balas
do último atentado...

SILVÉRIO: (gaguejando acentuadamente) Pe... pe... pe...
nnnnnúltimo...

CLARISSA (para Silvério): Demorou, cara, com o tempo que perdeu, novamente já é o último. (Para Waldo) Vinha da própria polícia.

WALDO: Exatamente. Ser policial honesto, só o Eliot Ness, em filme de Hollywood.

RHUAN: O delegado Monteiro deveria recitar: *Soldado, aprende a tirar: / tú no me vayas a herir,/ que hay mucho que caminar.*

ENTRA UMA FIGURA ESTRANHA E SILVÉRIO VAI ATÉ ELE. O PESSOAL OLHA.

CLARISSA: O que parece é que não queriam feri-lo, queriam era matá-lo.

IDA: (chamando Rhuan) Rhuan, é o poeta uruguaio?

RHUAN: Não, este é cubano, Guillén, outro poeta que *mi abuelo* adora.

CLARISSA: Mas teu avuelo já aprendeu a ler em português? (risos)

RHUAN: E por que acha que em tempos como estes eu (mostrando um livro) leio Mário Quintana, Cabral de Melo Neto, Drummond, Manuel de Barros, Vinícius? O velho ama a poesia, Machado, Eliot, Breton, Goethe, e a literatura brasileira, em especial Guimarães Rosa.

IDA: E por que você só recita em espanhol?

RHUAN: Simples, porque amo *mi abuelo*.

CLARISSA: Ah, que lindo a “Bela história de amor de Rhuan e seu *avuelo* de poeta almadado”.

RHUAN: Sim, mas não passa de um sonhador. Até hoje, ele acredita que um dia “o sol sairá para todos”.

IDA (um pouco sarcástica) Parou no tempo.

RHUAN: Parar? Não, pelo contrário: ele anda o tempo todinho assobiando, desafinando, lendo, cuidando das flores, do periquito e do cachorro. Com *la abuela*, bailam um tango que é para deixar as borboletas com inveja.

WALDO: Peça rara, *tu avuelo*!

RHUAN: Bota raro nisso, nunca pegou no computador, disse que assim não perde o tempo e pode escutar as histórias dos pássaros.

8 - DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 3 – CENA 2 –

*Escritório de **Ernesto**.*

ERNESTO: Foi tudo como combinamos?

FIDÉLIO: Em princípio. Não fui eu quem enviou os e-mails. As correspondências foram para os “endereços” e as “mortas”, com remetente falso.

ERNESTO: Observou se te seguiam?

FIDÉLIO: Não percebi nada. Qual é o próximo passo?

ERNESTO: Esperar e rezar.

9 - APARTAMENTO DE EDMUNDO - 1

EDMUNDO: Vou te dizer uma coisa, eu fiquei apreensivo. Não pode radicalizar tanto, amor.

AGIDI: O amor pela vontade é firmeza, decisão.

EDMUNDO: Você compromete a emissora.

AGIDI: Comigo, com o meu trabalho, é o compromisso.

EDMUNDO: É a Universal quem te paga.

AGIDI (com muita firmeza): Para ser jornalista, não prostituta.

EDMUNDO: Caramba, Agidi, você radicaliza demais.

AGIDI: Se trata de radicalismo, sim. Ou você faz surgir uma verdade, ou, me diga, qual é a função do jornalista?! Estou cansada de tanto ver baboseira nessa *josta*. Se vocês não querem saber mais de mim, outros se interessarão. Senão vou plantar batatas, cinismo não me verão plantar. De "El Che Guevara" se poderão dizer muitas coisas: que como sonho vivia; que, em seu calvário, carregou a cruz; que deste mundo suas ideias não eram; mas o era seu agir gigante, sua transparência de carne e ossos e sua dignidade que brilhava nessa estrela que sua boina luzia.

EDMUNDO (profundamente tocado, mudando): Você, você é demais. (aproxima-se de Agidi e começa a acariciá-la. Sorridente e ameno) Mas convenhamos que foi dura com Janos.

AGIDI (mudando e com muita malícia): Às vezes, você, também, é muito duro.

EDMUNDO (aproximando-se, com paixão e malícia): São durezas diferentes. A tua não lhe deve ter caído muito bem.

AGIDI (com grande gozação): Ah, a tua dureza, sim?!

EDMUNDO (tomando-a nos braços): Para de brincar, tá?

AGIDI (surpresa): Parar?! (com malícia) Mas, se ainda nem começamos! (com paixão) Meu afé

(prazer) é com você.

AMBOS FICAM SE OLHANDO, ENQUANTO RIEM. BEIJAM-SE.
ENTRAM NO QUARTO

- TODA A CENA A SEGUIR É EM *OFF*

EDMUNDO (enquanto fala, misturam-se gemidos, ofegos, gritos, etc.): Quero ser uma tropa imperialista e possuir todo o território de teu corpo. Quero ser teu conquistador, teu ditador, teu escravo... (mais beijos, ruídos e gemidos) que é o que você quer? Sou capaz de transformar-me em girassol para te guardar todo o sol. Fala! Fala... canção de trovão e melada!

AGIDI: Não posso. Por favor, me diga quem sou... (geme)... nem a espada de Ogum poderia ferrar-me assim... (geme, é o gemido alto, incrível, inesgotável. Um grito que não tem origem, como se ele estivesse esperando para sair de um porão milenar).

A MEDIDA QUE VAI ACONTECENDO A CENA, LENTAMENTE A BATIDA DE OBÁ VAI TOMANDO CONTA).

CORIFEU : *Obá*, corajosa e forte
de amedrontar os homens,
de fazê-los tão pequeno
que num brinquedo cabem.

CORO: *Obá Xiré! Obá Xiré!!!* ("Festa a Obá!!!")

CORIFEU: Como o ódio, egoísta,
fugaz como o descuido,
a paixão desata
o que ata com fúria.

CORO: *Obá, Xiré! Obá, Xiré!!!*

10 - NALGUM LUGAR DA CIDADE

NA PENUMBRA, VÊ-SE ERNESTO SENDO ABORDADO POR DUAS PESSOAS. EM OUTRA PARTE, ACONTECE O MESMO COM FIDÉLIO.

AGENTE (para Ernesto): Poderia nos acompanhar, por favor?

FIDÉLIO: Acompanhar, para quê?

AGENTE (para Fidélio): Deve se apresentar na delegacia, é necessário aclarar um incidente.

ERNESTO: Deve haver algum equívoco.

AGENTE (para Ernesto): Isso poderá ser facilmente aclarado.

FIDÉLIO: Eu pertenço ao Departamento de Jornalismo da Universal, vou ter de informar...

AGENTE (para Ernesto): Na delegacia poderá fazer todas as ligações que precisar.

POR UM LADO E PELO OUTRO, AMBOS SÃO LEVADOS.

11 - APARTAMENTO DE EDMUNDO - 2

ESTÃO DEITADOS, QUASE NUS, COMO SE DESCANSASSEM DEPOIS DE UMA BATALHA.

EDMUNDO: Sabe, minha moreninha, nunca te perguntei de onde vem esse nome, Agidi.

AGIDI: É meu *orikì*, minha alcunha, foi meu vô quem me deu. Ele me achava uma menina muito...

EDMUNDO (cortando): Decidida, com forte vontade, isso eu sei.

AGIDI: Me dá licença, posso terminar de contar? (Edmundo fica sem jeito, confirma com a cabeça) Ele achava que tinha a vontade e firmeza do vento, do trovão, do fogo. Um dia, quando criança, eu me apaixonei por uma figura de *lansã* e queria moldá-la em barro. Fiquei dias e dias e não conseguia nem me aproximar, mas, no caminho, pedaços foram ficando, troços onde meu avô descobria personagens de seus contos. E compôs um *orikì*, um poema para mim.

Ajagajigi bi iná ("firme como o vento")

Ajagajigi bi ãrá ("firme como o trovão")

Ajagajigi bi ji ("firme como o fogo")

Béni o ajagajigi Agidi. ("Assim é firme Agidi, assim é firme a Vontade")

EDMUNDO: É de uma musicalidade incrível. Teu avô era poeta?

AGIDI: Meu avô Deoscoredes era um contador de histórias.

EDMUNDO: E foi aí que inventou você.

AGIDI: Foi aí que viajei pela África toda. Os contos eram tão vivos que das mãos dos orixás parecia que a gente viajava.

EDMUNDO: Por que escolheu Xangô?

AGIDI: Eu não escolhi, foi ele quem me escolheu.

EDMUNDO (algo descrente): Como é isso?

AGIDI: Nasci numa quarta-feira, o seu dia. Ernesto é Oxóssi porque nasceu numa quinta-feira.

EDMUNDO: Que representa Oxóssi?

AGIDI: É o protetor dos caçadores, é ativo, esperto e está sempre alerta. (Edmundo sorri) Você ri, mas Ernesto é o responsável dos caçadores de notícias, ou não?

EDMUNDO: E eu sou o quê? Nasci numa terça-feira.

AGIDI (apreensiva): Ogum.

EDMUNDO: O que foi?

AGIDI: Ogum e Xangô não se dão bem.

EDMUNDO: Boba, escuta (tomando um papel de suas roupas):

Zumba de Amor e Liberdade

Zunzum... zunzum... zunzum...

Nega de lua, Luanda,
nega que vai pro mato
sem cacundê nem samba,

mata a sede do amo
que ama seu corpo de lua,
nua lua, Luanda.

Zunzum... zunzum... zunzum...

Nega de lua, Luanda, chibata que bate na lua
no peito da noite lamba,

na nega, nega de beijos,
matriz de nego no cepo,
beijando no banzo, seu ganga
queima seu fogo cego.
Zunzum... zunzum... zunzum...

Zunzum... zunzum... zunzum... Zumbido
que zune o sangue zulu,
Batuque que toca as veias senzalas
quilombo que se abre em alas
zumbido que zumba o ganga,
Ganga Zumba, Zona, Zumbi,
zumbido que não tem idade
zumbido que se faz zumbada
zumbada da liberdade,
zumbada da noite
calada. Zunzum... zunzum...
Zumbi zumbada que nasce dos outros
zumbada que nasce em mim,
Zumbi do nego e do branco
Do branco e do nego é Zumbi.

AGIDI (comovida e alegre): Quem fez? Foi você?

EDMUNDO: Bem que teria gostado. Foi Rhuan. Ele veio até mim e com muito respeito me perguntou se podia dedicar esse poema para você.

AGIDI (emocionada): É muito lindo, vou ter que lhe agradecer. (mudando) Que foi, esqueceu seus ciúmes? (com muita paixão e reconhecimento) E também te agradeço (beijam-se, com imenso carinho, Edmundo olha e acaricia o ventre de Agidi). Algum dia, não muito distante, crescerá neste deserto o rio doce da vida, e terá a marca mais marcada do brasileiro, ser um vira-lata, com maior orgulho (ambos se abraçam e se amam).

CORIFEU : Oh, rainha dos rios,
das mulheres *lalodê*, ("das mulheres, a primeira")
Bela e vaidosa Oxum
como teu *ifá* de axés

CORO: Ore Yèyè o!! ("Chamemos a benevolência da Mãe")

CORIFEU: Oh, Deusa, ilumina o deserto,
que trazer rios Agidi quer,
seu fogo é de Xangô
que por marido conheces.

CORO: Ore Yèyè o!!

CORIFEU: Vai até *Ifá* e pergunta,
Se molhar vale a pena
os desertos que os homens
lutam para nele nada brotar.

CORO: Ore Yèyè o!!

12 – O ENCONTRO – 3

JANOS POWER: Em outros tempos você era um aluno mais inquisidor, mais irrequieto, menos entregue.

EDMUNDO: Talvez porque pensava o mundo de forma mais abstrata. Neste momento, meus problemas são...

JANOS POWER (cortando): Não acha que teus problemas são mínimos diante do teorema que estamos analisando?

EDMUNDO: Mas são os que neste momento me trazem aqui.

JANOS POWER: Pode ser, mas que tal também ver os problemas que me trouxeram aqui para, neste momento, falar com você? Ou o pequeno problema, Agidi, não te permite?

EDMUNDO (reagindo): Lhe parece pouco, a mulher que escolhi como mãe para meus filhos!

JANOS POWER: Você é jornalista, não pertence ao departamento de telenovelas.

EDMUNDO (exaltado): Telenovelas?! Você acha que uma mulher e o desejo de ter uma família é caso do departamento de telenovelas?!

JANOS POWER: Acho, não, estou totalmente convicto disso. Oh, *shit!* Onde diabo vai botar teus filhos, neste manicômio gerenciado por Doutores Calligaris? Para ter filho hoje já nem se precisa de um casal, a matemática mudou. Antes dois podiam virar três, hoje um sozinho pode virar dois... três... quatro, é só ir até o útero artificial. Viramos amebas, podemos nos autorreproduzir e não de qualquer maneira. Pode chegar a ter um duplo perfeito, é só entrar no *Genoma Project*, substituir teu DNA crítico. E pronto! Terá um Edmundo aperfeiçoado. Mas para ter um duplo perfeito, entra na *Stem Cells System*; vai trocando tuas células para te manter eternamente jovem, assim quando

teu duplo te alcançar na idade, é só o introduzir no sistema e pronto. Senão vai ficar esquisito que o filho de único gerador termine sendo mais velho que o pai, não acha?

EDMUNDO: Não tem por que ironizar tanto.

JANOS POWER: Quem disse que estou ironizando? Estou falando muito sério. O que é, então, o *Human Problem Solving System*, o *Information Processing System*, o *Molecular Biology Technics*, o *Cybernetics Processing System*? Antigamente, a máquina era um prolongamento do homem, modelo deste. Hoje, somos nós o prolongamento das máquinas. Já não se trata de que pensem como nós; nós é que devemos pensar como elas ou somos ultrapassados. Ou pior ainda: pedaços estranhos nos invadem em forma de silicone, *chips*, transplantes de órgãos e próteses de toda forma e tamanho. Antigamente, via-se uma formosa mulher cheia de curvas, hoje veem-se as curvas do silicone e, como prolongamento, um resto de mulher. Sermos diferente dos outros, tudo bem, isso é natural. Mas, sermos diferentes e estranhos de nós mesmos, na simultaneidade, isso nos transforma em uma multi-colagem monstruosa que devemos desesperadamente cobrir com imagens que resultam nesse tal *self's marketing*, ou melhor, *Frankenstein's Marketing*. Você quer ter um Béla Lugossi ou um Boris Karlof como filho?

EDMUNDO (mudando): Não é nada disso. Mas até agora não estou entendendo aonde quer chegar. **JANOS POWER:** Agora a coisa está melhorando, te interessa saber o que penso fazer em relação a tudo isso?

EDMUNDO: Se há algo que se possa fazer, então a eutanásia é inevitável. O que ela seria?

JANOS POWER ENTREGA UMA PASTA PARA EDMUNDO.

13 – DEPARTAMENTO JORNALISMO – 4 – CENA 1

Redação

ENTRA AGIDI, PARECE MUITO PREOCUPADA.

AGIDI: Estão sabendo, vocês, alguma coisa do Ernesto?

IDA: Nós estávamos falando justamente disso. Nem ele nem Fidélio apareceram hoje.

AGIDI: Mas ninguém sabe se tinha algum trabalho para fazer?

RHUAN: Edmundo também não está sabendo de nada.

WALDO: Não há com o que se preocupar, tenho para mim que estão de caso e fugiram.

AGIDI: Para de brincadeira boba! (para Rhuan) Rhuan, teu poema é muito bonito, fico agradecida com toda essa honra. (Rhuan quer responder, mas fica sem jeito) Preocupar-se com a poesia, hoje em dia, é coisa de poeta mesmo. (sai)

WALDO: Já não é ficção. (para todos) Escutem! O novo processamento que determina a identidade genética será definitivamente implantado pela maioria dos países integrantes da União da Liga das Nações ou, se quiserem, United League of Nations. Ouçam! "A leitura do DNA que permite conhecer, numa criança recém-nascida, toda sua futura capacidade de desenvolvimento — inteligência, capacidade de resolução, imunidade, força física e em especial relação com o meio ambiente e à ordem estabelecida —, como assim também detectar predisposição às doenças infecciosas e potência para a criminalidade e a morte prematura; serão a base pela qual se determinará a que tipo pertence. Disse que logo, logo, pode acontecer uma es-

pécie de catalogação dos indivíduos; a porcentagem de cada uma das possibilidade positivas ou negativas da criança a colocará entre os 'Aprovados' ou 'Reprovados'". Estão todos loucos!

RHUAN: É questão de eficiência, poder produzir um efeito. Há quanto tempo não perseguimos isso?! Huxley o previu há quase cem anos.

WALDO (continuando): "O grande desenvolvimento dos já conhecidos DNA Banks permitirá um notável desenvolvimento da raça humana." É, Rhuan, Admirável Mundo Novo!

SILVÉRIO (gaguejando): Eu vo... vo... vou pro bre... bre...jo, po... po... porrr ...repe... pe... pe... repe... pe... pe... tição.

IDA: Quem sabe em você também se repetem os genes bons.

WALDO: Imaginem-se entrando via Internet no Banco de Genes e pedir 10 DNAs de Einstein, 9 de Fellini, 7 de Bertrand Russell. Ah, e 15 de Humphrey Bogart!

IDA: Quinze de Humphrey Bogart, por quê?

WALDO: Porque era bem-dotado, (Ida fica sem jeito, os outros riem) dos "aprovados" entraria como um "notável".

RHUAN: Aí teu filho poderia recitar:

Puedo escribir los versos más alegres esta noche.

Escribir por ejemplo, yo tengo una vara grande,

y tiritan, rosadas, tus piernas a lo lejos.

CLARISSA: Rhuan, você pode ficar quieto?!

RHUAN: (brincando de apaixonado): A tu lado, imposible. (Clarissa, depois de uma pausa curta, sorri. Rhuan apela para um exagerado romantismo) Tu sonrisa es la brisa que refres-

ca mis ojos. (Clarissa olha-o com carinho e dúvida. Cortando, para Waldo) Waldo, você deve tomar cuidado, pode ser que te aconteça o mesmo que conta a história sobre Bernard Shaw.

IDA (cortando a fala de Waldo): Que história é essa?

RHUAN: Um dia, uma famosa e bela bailarina encontrou-se com Bernard Shaw e lhe disse: "Imagine se você e eu tivéssemos uma filha, com minha beleza e sua inteligência" ao que respondeu o escritor irlandês: "Sim, mas também posso imaginar essa filha com minha beleza e sua inteligência".

(Todos riem)

14 – DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 4 – CENA 2

Escritório de Edmundo

EDMUNDO: Já me comuniquei com Dr. Tumetti, da Central, e estão averiguando. Não quis te falar para não te preocupar.

AGIDI: Ernesto não é de fazer isso.

EDMUNDO: Fidélio, também não.

AGIDI: Mas Fidélio já fez algo parecido.

EDMUNDO: É verdade. Mas sumirem os dois juntos, por quê?

AGIDI: Estou preocupada (abraça-se a Edmundo).

EDMUNDO: Fique tranquila, vamos saber logo.

15 - DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 5

NO TELÃO IMAGENS DE PROGRAMAS DE AUDITÓRIO, ONDE O APRESENTADOR ENTREVISTA FIGURAS PATÉTICAS.

IDA (mostrando várias reproduções para Waldo): Qual você escolheria?

WALDO (olhando as reproduções e surpreso): Todas reproduções da crucificação?!

IDA: Estou pesquisando para montar a apresentação de uma reportagem sobre o cristianismo no Novo Milênio. Tenho que ressaltar o mais importante da Paixão de Nosso Senhor.

WALDO (continuando a olhar as reproduções): Nosso não, em todo caso teu.

IDA: Você não é cristão?

WALDO: Para quê? Tem tantos e serviu para alguma coisa? Bom, depois de tudo, já escolheu algo significativo... A Crucificação.

IDA: Oh, Waldo, o cristianismo é importante para.....

WALDO (cortando): ... as mulheres. Você não notou que salvo o quadro de Schiele e Dalí, que são do século XX, em quase todos os outros estão as Marias “mariando” o coitado do Cristo?

SILVÉRIO: É ver... ver... ver...

IDA: Sim, Silvério, isto é verde.

SILVÉRIO: ... ver... verdade. Sempre as... as... as três Marias, ma... ma... mas pelo menos duas.

CLARISSA (olhando as reproduções): Eu prefiro a de Gauguin.

SILVÉRIO: Schi... schi... schi...

IDA: Oh, Silvério até para espirrar você gagueja?! (todos riem)

SILVÉRIO (com raiva) Schiele. Pre... pre... Schiele.

IDA: E você Rhuan?

RHUAN: *Ateo, gracias a Dios.*

CLARISSA (instigante) : Tu avuelo?

RHUAN (algo irônico): Não, Luis Buñuel.

IDA: Eu escolhi Rafael.

WALDO: Não acredito em quadros que só falam em lamúria e bondade. E o ruim? Cadê o Diabo nesses quadros, esse que todos nós carregamos? Não vai me dizer que são os coitados dos ladrões. *Bah*, isso se parece mais com nossos jornais para acalmar o povo, mostrar que a justiça ainda existe.

RHUAN: Mas, Waldo, deve reconhecer que esse quadro é muito instigante, as três Marias piedosas e os anjos segurando três cálice que vão se preenchendo com o sangue de Cristo. O cálice é Copas no baralho espanhol, no francês, Copas é Coração. Isto é, os anjos guardam a dor do Senhor para dar às três damas.

WALDO: Gostei dessa leitura. Jesus é o filho de Deus, e é aí que a Inquisição acertou, pelo menos, numa coisa: as mulheres são filhas do Diabo.

DÁ EM TODOS UMA REAÇÃO GERAL.

RHUAN: Ou pelo menos de Drácula, já que beberão o sangue desse cálice.

IDA: Nesse caso, somos todos, quem aqui já não comungou uma vez? (Rhuan e Waldo levantam o dedo, todos olham para eles.)

RHUAN: Mas veja, Waldo, no quadro de Schiele não aparecem. Deve ser que deixaram Jesus e tomaram a nós por Cristo (Rhuan vai atender o telefone).

WALDO: A Bíblia já o disse: tudo começou com uma mulher. E sabem por que elas não explodem com tudo? Porque acho que ainda estão entretidas com o calvário do moço; ah, e seu sangue. Veja! (mostrando o quadro de Rafael) Por que acha que estão os anjinhos sobre as cabeças delas como espada de Dâmocles? Olhem! Eles parecem dizer: “fiquem quietinhas ou lhes acertamos nas suas cabeças”.

CLARISSA: Pode ser, mas são dois anjinhos, e há três mulheres. Sempre vão faltar anjinhos, meu caro Waldo. Foi também o grande erro da Inquisição, e não esqueça que tudo começa com uma mulher e com ela, também, acaba. Acabamos na Mãe Terra.

IDA (para Rhuan que está cabisbaixo): Você, Rhuan, vem a (dar tua opinião) mediar, e si tu no quieres, chamamos tu avuelo. (O pessoal ri. Rhuan está com lágrimas nos olhos) O que foi Rhuan? (Clarissa corre em direção dele).

RHUAN (chorando): Não vai dar, Ida, não vai dar. El viejo bando-neón perdeu o fôlego.

O PESSOAL, CONSTRANGIDO, FICA EM SILÊNCIO. ENTRA SILVÉRIO CORRENDO.

SILVÉRIO: Pe... pe... pessoal de... de... deu uma con... confusão dos diabos. Te... te... teve enfrenta.....tamento de a... arrepiar na Vi... vi... Vila Espe... perança.

WALDO: Já estou voltando (sai).

IDA: Calma, calma, Silvério. O que aconteceu?

ENTRA CORRENDO EDMUNDO, PROFUNDAMENTE COMOVIDO.

EDMUNDO: Cadê o Waldo?

CLARISSA: Está se aprontando. O que aconteceu?

SILVÉRIO: Eu já... já... ex... ex... expliquei.

EDMUNDO (quase desesperado): Deu massacre no bairro baixo na favela Vila Esperança, mais de 100 mortos. Ernesto caiu lutando junto à guerrilha.

PROVOCA UMA PROFUNDA COMOÇÃO. SILÊNCIO NA REDAÇÃO.

CLARISSA: Ah, Ernesto... guerrilheiro! Essa não acredito.

RHUAN: É certeza?

EDMUNDO: Parece que sim, morreu com uma Ultra P5 nas mãos. As imagens que chegaram não dizem outra coisa. É Ernesto. (Waldo entra profundamente comovido) Está pronto?

WALDO: Está morto. (mudando) Como é que não chegou uma só imagem de nossas câmeras?

EDMUNDO: Essa pergunta me faço eu. A Força da Ordem deve tê-las encontrado.

WALDO: Justamente hoje, num ataque surpresa de Zumbi dos Palmares?! É impossível acreditar que eles as descobriram só hoje.

RHUAN: Eles há tempo sabiam, talvez por questões estratégicas tiraram hoje.

EDMUNDO: Sei não. Nem sei o que dizer a Agidi.

IDA: Se ela já não sabe.

CLARISSA: Edmundo, hoje não é um bom dia, faleceu o avô do Rhuan.

EDMUNDO (preocupado): Lamento muito, Rhuan, está dispensado.

RHUAN: Vão liberar logo o corpo de Ernesto?

EDMUNDO: Isso é o pior. (todos ficam na expectativa) Ninguém vai poder mexer nos corpos, pelo menos até amanhã. (entra Agidi, mas ninguém nota sua presença).

IDA: Amanhã, a que hora?!

EDMUNDO: Não se sabe, talvez pela tarde.

WALDO: Quando os corpos vão estar apodrecendo. Por que tanta violência?

EDMUNDO: Dizem que é perigoso entrar na favela que pode haver armadilhas. Levaram mais reforços.

WALDO: Para mim, é vingança. Tem que servir de exemplo, o mundo tem que ficar sabendo. Não é por nada que estão pedindo a pena de morte.

CLARISSA: Para que se já a aplicaram?!

RHUAN: Boa operação para desativar *Impeachment*.

EDMUNDO: Foi muito feio, gente, é bom vocês verem.

AGIDI (surpreendendo a todos): Muito pior é deixar os mortos sem sepultura.

TODOS FICAM OLHANDO PARA AGIDI. EDMUNDO CORRE PARA ELA E A ABRAÇA. O PESSOAL VOLTA A SUAS OCUPAÇÕES, AGIDI E EDMUNDO SAEM. CLARISSA E RHUAN FICAM JUNTOS.

CLARISSA: Rhuan, vai para casa; lá devem estar te esperando.

RHUAN: Dom Humberto Manfredi tem quem cuide de seu enterro. **CLARISSA:** Mas é teu avô de coração!

RHUAN: Por isso mesmo, ele não gostaria que eu abandonasse o barco num momento como este.

CLARISSA OLHA PARA RHUAN VISIVELMENTE VISLUMBRA-
DA. VOLTA A ENTRAR AGIDI, QUE CHAMA RHUAN. ESTES FI-
CAM CONVERSANDO EM SILÊNCIO, A CENA ESCURECE.

CORIFEU A lei terrena decidiu
que o único irmão de Agidi,
deitado na in sepultura,
apanhe mais outra morte.

CORO *Béni o ajagajigi Agidi!!!* ("Assim é firme Agidi, assim é
firme a Vontade")

CORIFEU Sem *axexé* que o acompanhe
no seu encontro com os *eguns*,
Agidi com a justiça de Xangô
age firme como o trovão.

CORO *Emi Xangô Obá Ati Baba Inã!!!* ("Eu sou Xangô, o rei e
pai do fogo!!!")

16 - FAVELA VILA ESPERANÇA

É QUASE MEIA-NOITE. HÁ VÁRIOS CORPOS ESPALHADOS, DENTRE ELES, O DE ERNESTO. NA TELA APARECEM DIFERENTES CENAS DE MASSACRES. A CENA É PRATICAMENTE ESCURA. ENTRA AGIDI ACOMPANHADA POR DUAS PESSOAS.

AGIDI (caindo sobre o corpo do irmão, ouve-se um grito aterrorizante que atravessa a noite, enquanto os acompanhantes acendem 4 velas): Meu nobre caçador, axé de Oxóssi, cruelmente caçado. Para parar o ódio, tua única flecha não foi escudo suficiente, atravessou a noite para com a noite se casar. Plantar não posso, o Ixé, assim você viajaria para os Egunguns. Mas, para te ajudar, algo trouxe, meu humilde Ururo, e com os Eguns dos pais se encontrar.

UMA LUZ VAI PROCURANDO O LUGAR DO GRITO, OS ACOMPANHANTES FOGEM. A LUZ SE CENTRA EM AGIDI.

UMA VOZ: Fique quieto ou disparamos!

AGIDI COMEÇA A TIRAR A ROUPA DO IRMÃO, ENQUANTO A LUZ VAI APAGANDO.

CORIFEU: Ogum com sua força
milénar e devastadora,
lavar quer suas mãos
com o sangue de sua espada.

CORO *Ogum! Ogum! Yè!!!* ("Ogum! Ogum! É impecável!!!")

CORIFEU Oh, Orixá de vingança
de crescer rios de sangue,
o axé da palavra pode
a espada emudecer.

CORO *Kábiyèsi le! Káwóo!!*

17 – DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 6

O PESSOAL ESTÁ EXALTADO, CONSULTANDO SEUS CELULARES *TAVGIS* OU SEUS *TAVGIS* MONITORADOS, COMUNICANDO-SE COM OUTRAS REDAÇÕES. ENTRA EDMUNDO, DESOLADO. TODO O MUNDO FICA OLHANDO-O. EDMUNDO CRUZA A REDAÇÃO E SAI.

IDA: A coisa parece estar feia. Mas também o que Agidi foi fazer lá?!

WALDO (sarcástico): Adivinha (cristão). O que os penitentes fazem com os mortos? Por acaso os deixam apodrecer ao ar livre?

IDA: Mas como está a situação é pedir para terminar em cana.

RHUAN: Ida, volte um pouco, por favor. Perderam os pais, únicos irmãos, estudaram juntos, viviam juntos. O que você teria feito?

IDA: Tentar ante a justiça.

WALDO: Volte, Ida, volte! De que justiça está falando?! Mas, me diga, onde você trabalha: na missão da fraternidade ou no convento da harmonia?!

IDA (reagindo veementemente): Sim, a justiça. Para que está ela, então? Só para defender os interesses dos poderosos? Do dinheiro? Não acho, não!

RHUAN: Ida, alguns são limitados e a gente compreende, mas tem outros que insistem em ofender os burros.

IDA (muito chocada): Está me tratando de burra?!

RHUAN: Não, Ida, não, como te falei, isso ofenderia os burros. (o pessoal ri)

IDA (muito comovida, quase às lágrimas): Não esperava isso de você.

RHUAN (visivelmente irritado): Isso é bem verdade, em compensação, de você se pode esperar qualquer coisa. (todos voltam ao trabalho, Ida fica em pé chorando).

CLARISSA (molesta): Rhuan, está exagerando um pouco, não acha?

RHUAN: Já está na hora, podem criar um sindicato, Força de Ação das Drogas, digo, Mulheres. (está por sair, mas Clarissa o para).

CLARISSA (ofendida): Às vezes, podemos ser egoístas, mas outras, podemos ser tão ou mais desprendidas que qualquer homem. (Rhuan sai e se detém, olha para Ida que está chorando e quando o som misturado de disparos, ruídos e gritos provenientes da TAVGIS está tomando conta da cena, aproxima-se dela e pede desculpa acariciando sua cabeça).

18 – PRISÃO – 1

AGIDI É VISTA DETRÁS DAS GRADES QUE A RODEIAM, POR FORA. AO REDOR DAS GRADES, ESTÃO AS OUTRAS DETENTAS.

GORGÓNIA: Vejam, vejam! Uma grã-fina veio enobrecer este covil. Ah, se é a televisiva parece pouco televidente. (aproximando-se de forma provocativa) Aqui tem um crioulo para dar conta da crioula.

AGIDI (olhando-a depreciativamente): Em questão de macho, sempre sou a que escolho e há tempo o meu está escolhido.

GORGÓNIA: Mas aqui ele é que nem mulher para padre. Como que uma figura tão importante acabou neste mocó?

AGIDI: Esse macho é inteiro, é de macho assim que eu gosto, (olhando-a com sarcasmo) e não de macho mal-acabado.

GORGÓNIA: Vem que te mostro se sou mal-acabado, negra racista. (tratando de pegar Agidi)

AGIDI (para Gorgónia): Oh! Fulana, alguma coisa na tua cabeça subiu, aquilo que não desceu pela privada?

GORGÓNIA TRATA DE AGIR E ANA A PARA.

ANA: Vai se enfiar no seu mocó! (para Agidi) Desculpe, Agidi, aqui não somos muito de trato refinado, o único refinado que temos é o “bodi”, porque a comida é uma merda (como se tocando). Desculpe. (Agidi assente como não dando importância) Gosto do seu trabalho na TV, acho que você é dos poucos negros (olhando para Gorgónia) que merecem a casa grande. (Agidi olha-a com surpresa) Mas, me diga, como veio parar na senzala?

AGIDI: Talvez porque deste lugar nunca devesse ter saído. E você, encaminhou-se pela calçada guerrilheira ou o quê?

ANA: Roubo e tráfico mesmo.

AGIDI: Não acredita na guerrilha?

ANA: Sei não, acho que mais que querer libertar a senzala, eles estão a fim mesmo de tomar posse da casa grande.

AGIDI: Coisa ultrapassada nestes dias é ter ideais, por isso, choca o que eles fazem. No fundo, talvez você tenha razão, mas o que se faz diante de tanto descaro e violência? Como responder quando a palavra vira mercadoria e não razão, como deveria ser?!

ANA: Sei não, mas pobre é que nem timinho de futebol, se carece para a festa, mas vive apanhando.

AGIDI (ri): Gostei de você...

ANA: Ana... a "Machona".

AGIDI (surpresa): Uau, tem aqui mulher?

ANA: Quase todas, menos essa Gorgónia. Nós tem filho e mulher (mostrando a mulher que está do seu lado). Homem vale pouco para caramba, vale nada. Deve ser por culpa do meu pai. Sempre tive nojo de homem, que peguei a maior "tranca".

AGIDI: O que teu pai fez?

ANA: O que não fez. Quando mãe saía para trabalhar, ele pegava nós, minha irmã Célia e eu. Eu tinha sete anos, a Célia, oito. Depois, o pai queria que transasse com os amigo dele, por grana, aí eu fugi de casa.

AGIDI: Com quantos anos?

ANA: Nove. Fui para um mocó e arranjei um cara, que durou pouco. Um dia, apareceu com mais furo que pneu velho, que rede de gol.

AGIDI: Gosta de futebol?

ANA: Jogava, jogava no meio-campo, era boa, mas não deu para continuar, me dava nos “cano”, traficava, trabalhava na zona e passei a trabalhar com os “gatos” para dar o golpe nos “gado”.

AGIDI: Como é isso?

ANA: A gente seduzia os cara e levava para o descampado atrás da linha do trem, a turma aparecia e depenava eles. Caí várias vez. Uma vez, me pegaram com a “cachanga”, a outra levando “branquinha”.

AGIDI: Quantos filhos tem?

ANA: Tenho quatro filho. Nunca homem nenhum me fez feliz. Minha companheira, que é a maior bonita, me faz (acaricia a companheira. Pausa. Olhando profundamente para Agidi) Para algumas mulher, homem só serve cinco minutos, para outras, nem isso. Se cuide desse bicho, homem não é cachorro de casa, não: é cão dos inferno!

A CENA ESCURECE.

19 – NA PRISÃO – 2

QUANDO VOLTA A CENA, EDMUNDO VAI SE APROXIMANDO DAS GRADES E, ATRAVÉS DELAS, ACARICIA AGIDI. OS DOIS SE BEIJAM.

EDMUNDO: Agidi, meu amor. (continuam a se beijar) Vamos a acabar com isto.

AGIDI (desprendendo-se de Edmundo): Como?

EDMUNDO: Você pode.

AGIDI (surpresa): Mas eu, como? Se acusada sou e serei condenada?!

EDMUNDO: Você, sim. É só querer e você está livre.

AGIDI (reagindo): Mas eu sou livre! Se as grades nos separam, você não deve se confundir por isso.

EDMUNDO (suplicante): Agidi, por favor, não venha com a tua retórica, isso é de outros tempos.

AGIDI: Ah, porque passaram, devemos esquecê-los? (pausa, como esperando uma reação de Edmundo) Um derrame de matéria cinza te deixou desta maneira pela mordida de algum político?!

EDMUNDO: Reconheça que cometeu um erro, que não entendia muito bem o que estava acontecendo e que o amor pelo teu irmão te levou a fazer isso.

AGIDI: Eu o fiz, é verdade, por amor a meu irmão, mas só por isso, não. Entendia muito bem o que estava fazendo, e entendo que o erro foi nenhum.

EDMUNDO: Eu sei, eu compreendo que você tem razão, mas feriu a justiça.

AGIDI: De que justiça está falando? Trata-se, em todo caso, de uma questão legal. Nosso amor em outra época seria ilegal, mas, por isso, injusto?

EDMUNDO: De que adianta isso agora? Vai mudar alguma coisa?

AGIDI: Bastantes coisas mudam se o parecer muda. Se louca posso parecer aos psiquiatras da ordem, desapareceria Agidi ao não agir e retroceder. Mas, que passa com você, cadê aquele homem que me fazia tremer como um pavio acesso quando em princípios falava? Onde está tua força de vontade que meu último reduto de pudor derretia? Ou só de mim, meus orgasmos te acicatavam?

EDMUNDO: É por essa vontade que estou aqui. Teu irmão esteve no lugar errado na hora errada.

AGIDI: Ainda que fosse assim, deveria errar e apodrecer aos olhos de cachorros famintos? Talvez os mortos, quando enterados, façam com que os humanos desfaçam o que de desumano carregam. Quem sabe se, no dia em que o primeiro morto foi sepultado, nasceu a palavra, a palavra fundadora: Saudade. (pausa, mudando) Mas, além de tudo, meu irmão é inocente.

EDMUNDO: As imagens são claras demais. É duro aceitar, mas ele estava ligado à guerrilha. Você...

AGIDI: ...Oh, Diretor Responsável de Jornalismo, em imagens você acredita? Você mesmo, que foi tão diferente diante dessas imagens tão verdadeiramente falsas, essas que dormir não o deixavam? Pelo amor de Olodumaré; a tecnologia, a tecnocracia, a tecnofagia as criaram, como tantas outras que diariamente nos ludibriam. (para, breve pausa e como que compreendendo) Foi, então, Fausto, quem te mordeu?

EDMUNDO: Tratarão de te condenar.

AGIDI: Condenada estou, por inocente. Neste caso, não há “tabela” que permita minha jogada. É como em certas lutas de boxe, o resultado se antecipa à contenda.

EDMUNDO: Foi escalado o Juiz Demócrito.

AGIDI: Aquele que sem herança é milionário? (ri tristemente) Não te preocupes, sei muito bem a escolha que fiz, mas me diga: o que de tão grave meu irmão descobriu?

EDMUNDO (comovido, vacila): Não sei... Isso eu realmente não sei... (reagindo) deve ter se metido em alguma coisa grossa. Mas não consegui descobrir nada. (Pausa. Agidi sorri com muita tristeza. Edmundo reagindo) Eu te amo, meu amor, eu te amo. Por favor, não deixe...

AGIDI (interrompendo): ...O peixe se afogar? (mudando) Amor, está falando de amor? É no doar que o amor se faz verdadeiro. Esse que você está perdendo. (Edmundo quer falar, mas...) Colar-se um ao outro que nem sanguessuga, a isso chama de amor? Amor é do egoísmo desprender-se, é abandonar o espelho e enfrentar o acaso, é montar o vento e transformá-lo em caminho. O trabalho era o amor desses jovens que vieram de longe e cruzaram oceanos por meses. No pé do barco se conheciam nos seus simples sonhos, que suas cartas haviam feito brotar, e casavam. A viagem era de longe, aos poucos a saudade os aproximava e trocavam as primeiras palavras. Depois, chegavam a este paraíso de promessas demoniacamente esquecidas. Com sacrifício, esses polacos, italianos, japoneses, regadas, com seu próprio tesão, as primeiras sementes plantavam. E, um dia, quando o teto os separava da intempérie e como por curiosidade um broto se assomava ao anoitecer, eles se descobriram, não conseguiram sustentar mais aquilo que os duros dias foram construindo, e num remoinho de carne e de suspiros deram vazão às suas virginais luxúrias. O amor não é cheirar as belas rosas. É saber carregar os espinhos que as sustentam.

EDMUNDO (está em silêncio e cabisbaixo, chora, parece que vai sair e para, logo fala): Verei o que eu posso fazer. Não darei folga até te deslaçar de tudo isto. (olha para ela com grande desamparo, beija a Agidi impávida e sai)

AGIDI (desolada, com lágrimas recita os versos enquanto acaricia seu ventre):

*Adeus, amor, folgado!
Não debes, não,
Dar a um ladrão
Mercês, senão
Com a aliança já no dedo.*

ENQUANTO DIZ ESSE VERSO DE **FAUSTO**, APROXIMA-SE ANA.

ANA: Quem falou isso?

AGIDI: O diabo, para um homem que queria ser eterno.

ANA: (mudando) Falou pra ele?

AGIDI (surpresa): Falar o quê?

ANA: Que está esperando um filho.

AGIDI: Como é que você sabe?

ANA: Eu sou "machona", mas não esqueça que tive quatro. (Agidi sorri) Como disse teu poema, Agidi, homem não é cachorro de casa, é cão dos inferno.

ANA SAI ENQUANTO APARECE O TRIBUNAL QUE VAI JULGAR AGIDI.

20 – JULGAMENTO

Tribunal e Prisão.

NA PARTE SUPERIOR, APARECE O JUIZ, O PROCURADOR E OS MEMBROS DO JURI – QUE PODEM SER O PRÓPRIO CORO. NA PARTE INFERIOR, ATRÁS DAS GRADES, ESTÁ AGIDI.

JUIZ: A senhorita tratou de retirar o corpo do terrorista, infringindo a lei. A forma como isso aconteceu, e ainda sua famosa reportagem com o grupo ZUMBI DOS PALMARES, a vinculam aos subversivos responsáveis pelo ataque a um comando militar, que custodiava a favela Vila Esperança e que terminou provocando uma matança sem precedentes. Desde quando a senhorita está vinculada ao grupo terrorista?

AGIDI: Senhor Juiz, não posso falar do tempo, mas lhe direi, desde nunca.

JUIZ: Quer dizer que a senhorita agiu sozinha?

AGIDI: Não poderia ter levado meu irmão em meus próprios braços.

JUIZ: E quem lhe ajudou?

AGIDI: Senhor Juiz, ameaçada fui, humilhada também, só faltou ser torturada. Neste caso, a televisão foi minha sorte, outros não contam com imagem tão conhecida. E pensa que agora falarei? Além de tudo, essas pessoas fizeram algo de que vocês ficaram longe.

JUIZ: É verdade, nós estávamos longe, senão sequer teriam se aproximado.

AGIDI: Devo concordar com o Senhor. Vocês estão bem longe do ato digno.

JUIZ: E a senhorita entende que seu irmão cometeu um ato digno?

AGIDI: Eu entendo o que o Senhor tão bem conhece, que meu irmão cometeu ato nenhum.

JUIZ: Não vamos discutir o que as provas contundentes demonstram.

AGIDI: O que as provas contundentes demonstram não, mas, sim, o que essas provas contundentes escondem.

JUIZ: Está insinuando alguma coisa?

Cena em OFF

ESCUTAM-SE GRITOS DE UM TORTURADO.

Cena no TRIBUNAL

AGIDI: Senhor Juiz, não acha que este teatro é muito canastrão, isto é, que a verdade está faltando?

JUIZ: Há uma única verdade senhorita: não estava no direito de fazer isso.

AGIDI: Senhor Juiz, neste caso, não posso discordar, direito não tinha, mas deve concordar comigo que tinha todo o dever.

JUIZ: Que dever é esse que passa por cima da lei?

Cena em OFF

NOVAMENTE GRITOS DE UM TORTURADO.

Cena no TRIBUNAL

AGIDI: E que lei é essa que passa por cima do dever de enterrar os mortos? Sua lei, senhor, é lei corriqueira, muda dependendo do vento. A minha não, é uma lei desde sempre e vêm de meus antepassados. Olodumaré em alguma parte do homem a ins-

creveu. Vocês acham que a justiça se escreve num papel, é na carne que a verdadeira justiça se inscreve, e não tem papel que consiga apagá-la.

Cena em OFF

TORTURADOR I: Então, fale, para onde foi o disquete, nós sabemos que há outro disquete!

FIDÉLIO: Não tem mais disquete... (gritos de dor)

TORTURADOR II: Nós podemos salvar tua vida e garantir tua liberdade.

Cena no TRIBUNAL

JUIZ: A senhorita se encontra com a liberdade de brincar com as palavras.

AGIDI: A liberdade não brinca, é uma coisa muito séria.

JUIZ: Vejo, séria o suficiente como para botá-la na cadeia.

AGIDI: E quem lhe disse que não pode ser na cadeia que esteja a liberdade?

JUIZ (com ironia): A senhorita está pretendo confundir o jurado?

AGIDI: Ou será que confuso está o Sr. Juiz, por que entender não consegue?

Cena em OFF

TORTURADOR I: Fala, seu filho da puta! (som de um violento soco seguido de um desfalecente gemido) Joga um pouco de água nele.

TORTURADOR II: Passamos à parte dois?

Cena no TRIBUNAL

JUIZ: O que eu estudei na vida toda é que cárcere e liberdade são antônimos, isto é, opostos.

AGIDI: Na Casa Grande é que a liberdade não está, é na Senzala que a gente adormece ao calor dela; é desde os grilhões que se constrói o sonho dos Quilombos. Liberdade não é só falar o que se pensa. Todo o mundo fala hoje e mínima importância se dá a isso. Liberdade é carregar os ferros das grandes prisões que te impõe tua escolha, de palavra e de ação. Liberdade é como a música, que, estando preso, as notas podem sobrevoar o universo. Eu escolhi respeitar as leis ancestrais de *Olodumaré*, e hoje compreendo o que significa seguir o caminho que *Orumilá-Ifá* conhece.

JUIZ: Agora vem querer nos convencer com todo esse discurso afro, mas me diga, senhorita, em que século vive?

Cena em OFF

TORTURADOR I: Acordou, vamos então à parte dois.

FIDÉLIO: Não, isso não... Não... (gritos terríveis que parece encerrar um milênio de dor)

TORTURADOR II: Fala, então, porra! Ou vamos te fazer comer as próprias tripas. (gritos horríveis) Fala, fala!

FIDÉLIO: Não... não... (gritos).

Cena no TRIBUNAL

JUIZ: ... em que século?

AGIDI: No século da paixão e do desespero, dos belos espelhos que o horror da intolerância, mais do que nunca, hoje refletem. Refletem essa alma podre que sempre veremos escondidas nas fantasias estúpidas que o século criou.

JUIZ: Tudo isso tem pouco valor quando se desrespeita o poder da lei.

AGIDI: Poder?! *Poder* é anagrama de *podre*. Veja, é só uma pequena troca e nunca na história se trocou tão facilmente como hoje. Troca-se de partido, de emprego, de time, de família, de sexo, até pedaços do corpo se trocam. Claro, esta sinfonia sempre magistralmente dirigida pelo “bom dinheiro”.

CORO (cantando) “Da força da grana que ergue / E destrói coisas belas / Da feia fumaça que sobe apagando as estrelas... Pan América de Áfricas Utópicas / Do mundo do samba / Mais possível novo Kilombo de Zumbi...”

Cena em OFF

FIDÉLIO (grito desesperante de agonia final)

Cena no TRIBUNAL

JUIZ: Por toda sua poesia, fica claro que seu caminho é a liga aos subversivos de Zumbi dos Palmares.

AGIDI: Por sua prosa toda, fica também claro o descaminho da justiça.

Cena em OFF

TORTURADOR I: Joga mais água nele.

TORTURADOR II: O que resta é jogá-lo na fossa.

TORTURADOR I: Melou, porra, e não abriu a boca.

TORTURADOR II: Abriu, sim, engoliu o diabo direitinho.

21 – REPORTAGEM NA TAVGIS

NA TELA, APARECE O MINISTRO DA JUSTIÇA SENDO ENTREVISTADO.

WALDO: Por que foi proibida a veiculação da reportagem de Agidi?

MINISTRO: Não podemos dar espaço para uma pessoa que, além de indiciada, usa sua imagem popular para desprestigiar o governo e favorecer a marginalidade.

WALDO: Não seria isso uma forma de censura?

MINISTRO: Eu acho que não. Para polemizar, até poderia achar que é censura. Mas foi uma questão de ordem, entendida por todos.

WALDO: Ordem de quem?

MINISTRO: Meu caro repórter, devia perguntar: ordem de quê? E eu lhe diria, daquela que faz possível a sobrevivência.

22 – PRISÃO – 3

TRAZEM AGIDI E A INTRODUZEM NA PRISÃO. ANA CORRE ATÉ AS GRADES.

ANA: E então, Agidi?

AGIDI: Dois anos e seis meses.

ANA: Já está aqui a três meses, daqui a pouco te soltam.

AGIDI: Você não entende Ana, tempo necessário para nunca mais sair.

ANA: O que está querendo dizer?

AGIDI: Daqui, nunca mais saio com vida.

ANA: E quem vai botar a mão em você?! Se alguém tentar, essa já era!

AGIDI: Se da vida eles fazem o filme que querem, imagina o que com a gente não podem fazer.

ANA: E não vai fazer nada?

AGIDI: Eles me tiram a única surpresa que a vida com absoluta garantia nos oferece.

ANA: O quê?

AGIDI: A morte. Mas se a vida me pertence, não me pertence deixar minha morte a outros.

ANA: O que você está pensando?! Veja bem, tua carne tem outra carne chegando.

AGIDI: Com mais razão, como deixar duas carnes para os cães devorarem?! Xangô me deu a palavra, o senso de justiça e a paixão pelas coisas, só o axé dele poderá tirá-las. Eu tenho seu axé. Você entende, Ana?

ANA SE APROXIMA E, CHORANDO MATERNALMENTE, ACARICIA AGIDI.

CORIFEU: Tua palavra não pode
tua justiça não pode
teu fogo não pode
não pode teu trovão

CORO: *Xangó dé! Xangô dé!! Káwóó Kábiyèsi!!!*

CORIFEU: Tua força poderosa
o egun de Agidi ajudará,
assim poder alcançar
seus ancestrais egunguns.

CORO: *Xangó dé! Xangô dé!! Káwóó Kábiyèsi!!!*

23 – O ENCONTRO – 4

EDMUNDO FECHA A PASTA. ESTÁ PRATICAMENTE ABSORTO.

EDMUNDO (impávido): O Antivírus! Quantos por cento da população do mundo está em estado terminal?

JANOS POWER: A Ordem considera que 60%, no mínimo. (pausa) Eu sou ainda mais democrático, não devemos chegar a 50%. Cada vez que discuto isso me sinto que nem Moisés, pedindo a Deus para não exterminar todo esse povo adorador do bezerro. Estamos falando da Bíblia, nossa Arca de Noé será um pouco maior.

EDMUNDO: O que é a CAO?

JANOS POWER (sorrindo): The Captain America Order.

EDMUNDO: A Ordem do Capitão América?! Mas esse nome, por quê? Querem repetir os sonhos da *American Way of Life*?

JANOS POWER (rindo): Assustado? Não é bem isso. Como disse um grande técnico de football, “não há melhor defesa que um bom ataque”. (Edmundo faz um gesto de incompreensão) Muito simples: qual é a arma que usava Captain America?

EDMUNDO (começando a entender e olhando para a pasta): O escudo!

JANOS POWER: Exatamente. E não se trata só de uma arma de defesa, é com ela que o Capitão também ataca; este ataque é uma defesa, defesa da humanidade. (Edmundo surpreso). CAO representa a Century Ace Order.

EDMUNDO (com seriedade): O negócio é largar tudo e montar uma funerária.

JANOS POWER (gargalha): Já pensamos também nisso. Vão existir grandes investimentos para bancar este ritual.

EDMUNDO: Investimento dos mafiosos?

JANOS POWER: E por que não? Depois de tudo, eles também têm direito de ser bem enterrados.

EDMUNDO: Vai faltar terra. Além dos vivos, vamos ter os mortos sem terra.

JANOS POWER: Talvez não. Talvez esses “humanos”, por fim, venham servir para alguma coisa e permitir, futuramente — porque disso estamos falando, do futuro —, uma terra bem adubada. O trabalho tem que retornar, precisamos que todos estejam ocupados, não se diz por aqui “Cabeça vazia, oficina do Diabo”? Então, Arbeit Macht Frei... no bom sentido, é claro. (sorri)

EDMUNDO: Não acha tudo isso por demais cruel?

JANOS POWER (reagindo): Cruel?! My God! Are you crazy? Não é cruel montar Sociedades Honradas para combater as drogas com dinheiro do próprio tráfico? Não é cruel impor ao mundo uma conduta honrada, proibindo a pornografia e praticando a pedofilia? Não é cruel falar em democracia e comprar até o último voto para realizar sua patranha? Não é cruel montar castelos para cachorros e mais de meio mundo morar na mer...? Shit! Isso são os novos gangsteres que enviam flores às suas próprias vítimas e, emocionados, choram diante do caixão! Não é cruel criar campos de extermínios em nome de uma raça pura ou de qualquer outra ideologia? Não é cruel que o avanço da ciência e da tecnologia se deveu por ser o século XX o século das guerras? Eu não falo em ideologia, eu falo em salvação. The end of the Devil's century. Como noutra grande revolução, um mês e meio de “La Grande Peur et tout c’est fini.” É como se fosse um ace de match point. Não tem retorno, my old friend: ou eles ou nós. Ou expulsamos o diabo, ou o grande sarcófago do mundo devorará a todos. La propreté, c’est la santé. (um longo silêncio).

EDMUNDO: Janos, quem é você?

JANOS POWER: Eu sou o que sou eu. (olhando com certa ironia)

EDMUNDO: YHVH?

JANOS POWER (gargalha): O chicote de fogo, a fúria divina. (voltando-se para Edmundo com muita paixão e carinho) Você é dos nossos. Seja meu querubim, seja o gênio que sabe guardar nossos domínios. Em você confiaria, e confio, nunca poderia me trair. Não, palavra de inglês é fogo: Te assumi como afilhado e vou até o fim. (mudando) Sabe quem te manda lembranças?

EDMUNDO: *Susan?*

JANOS POWER: (alegre): Yes, she has grown a lot, she's a woman now. What a woman! Que mulher! Te mandou dizer: Give me a call please.

EDMUNDO: Você, Janos, sempre teve o dom do fogo na palavra, e apesar de ser inglês, ela é muito apaixonada.

JANOS POWER: "Todos os grandes movimentos são erupções da paixão humana levantada com o fogo da palavra." (ri com certa satisfação)

24 – PRISÃO – 4

AGIDI (em pé junto a uma corda feita de lençóis): O que restou desta mulher? (chorando) Grávida, sem mãe para sê-lo. Amante, mas sem amado. Com o verbo, mas sem ação, paralisada pela rígida indiferença. (arruma-se e com decisão firme sobe no banquinho e coloca a corda no pescoço.) Não sabia deste momento ser tão grande a solidão; mas acho que foi sempre assim, grande e companheira, com ela te encontro. (olha firmemente e pula. Enquanto acontece a cena, o Alujá, toque de Xangô, vai tomando conta).

CORO: *Ajagajigi bi iná* ("firme como o vento")

Ajagajigi bi ãrá ("firme como o trovão")

Ajagajigi bi ji ("firme como o fogo")

Béni o ajagajigi Agidi. ("Assim é firme Agidi, assim é firme a Vontade")

25 – DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – 6

SILVÉRIO: Vocês acreditam que Agidi é cúmplic... (percebe que esqueceu a gagueira. Waldo e Rhuan se surpreendem) é... é... cum... cum... cúmplice da gue... gue... guerrilha?

RHUAN: Sabe, Silvério, se tem gente que ainda acredita em políticos; se nos emocionamos e choramos diante desses cocô-dramas que vêm de Hollywood e acreditamos na tua gagueira, por que não deveríamos acreditar na culpabilidade de Agidi?

(Silvério, visivelmente incomodado, sai)

WALDO: Você acha que ele não é gago?

RHUAN: Gago? Tanto quanto eu.

WALDO: E, então?

RHUAN (Clarissa se aproxima): Sabe, Waldo, mi abuelo me contava que quando ele era criança, antigamente as pessoas iam à mercearia, se serviam e gritavam para o dono: “Estou levando duas garrafas de vinho, dois salames e um azeite” e o outro respondia: “Tá legal, Pedro, depois eu anoto no caderninho”. Nem um ia a ver o que o outro levava e nem este conferia o que aquele anotava. Nós, hoje, conferimos várias vezes até nossa própria sombra, desconfiamos que não seja ela, porque pode bem ser (acentuando) virtualmente outra coisa. Sabe, amigo, acho que mi abuelo tinha parte de razão quando dizia que “o sol sairá para todos”, mas deveríamos reforçar essa frase, o sol sairá para todos... aqueles que se arrisquem à chuva.

CLARISSA (tomando uns papéis da escrivanhinha de Rhuan. Falando para este): Estes poemas são teus?

WALDO (alegremente surpreso): Me deixa ver! (pega alguns dos papéis).

CLARISSA (lendo):

Es verdad que o caminho
 ao caminhar se constrói.
 É verdade que enquanto dure
 o amor é duro e eterno.
 È vero que o tûmulo que em mim habita
 é um tumulto de vida que se repete.
C'est vrai que somos pajens trágicos
 sobre o fio virgem do desejo.
It's true que empalhados da cabeça aos pés
 somos amortalhados e ocos.
In wahrheit o prazer chama a dor
 e a dor trama o prazer.
 O que faço?
 As pedras brotam no caminho,
 o amor eterno asfixia,
 o tumulto me perde o sentido,
 as garras desvirginam o desejo,
 o vento desencanta minhas palhas,
 a dor faz tralhas do prazer.
 Onde está Godot,
 de minhas feridas enxugar as lágrimas?

WALDO (lendo): Godot me acena irônico
 colorido em infinitas polegadas,
 mestre de todos os sim-saberes,
 ignorante da mais simples ignorância,
 gladiador nas palhas vencidas,
 incendiário de fios de Ariadne,
 escultor de Dolmacés desesperados
 pelo prazer da dor,
 zombaria de enganação
 ganhando a bolsa e a vida,
 poeta de policarpos mendicantes
 sem pátria nem destino.
 Misturado ao fel da ralé
 e à ímpia society,

sacraliza os pedaços da manhã
que apodrecerão no altar da noite.

Quando busco o rosto
no espetacular vidro de Narciso,
encontro a derradeira figura do nada.

Agora compreendo:
Nesse espelho de silêncio todo,
Godot visa a cegueira de meus olhos.

(Clarissa e Waldo olham-se surpresos)

WALDO: Uau! Depois dessa, vou ter que tomar Prozac. (mudando) Outra peça rara na família Manfredi, finalmente tu avuelo conseguiu um poeta. Parabéns. (sai)

CLARISSA (aproximando-se de Rhuan com grande emoção):
Hoje você não precisa de um poema em espanhol.

RHUAN: Que vou ser poeta, sou apenas um sofredor.

CLARISSA (quase com paixão): Um sofredor... mas sofrível. (fica parada olhando-o, enquanto Rhuan junta os papéis do poema)
Rhuan, quem era o enlace de Agidi com Zumbi dos Palmares?

RHUAN: Por que faz essa pergunta justamente a mim?

CLARISSA: Porque é justamente você.

RHUAN: Sou o quê?

CLARISSA: Ora, rapaz! A quem lhe acabo de fazer a pergunta. (Rhuan, molesto, olha para ela chateado e não responde) É que você vive nos surpreendendo, entendia que podia ser outra surpresa. Depois de tudo, para que te chamou Agidi antes de ir recuperar o irmão? (Rhuan não responde e se põe a trabalhar)
Não precisa responder.

RHUAN (de forma seca): Eu também sou jornalista.

CLARISSA: Agora me respondeu. (ele olha para ela. Clarissa mudando) Poeta, o amor asfixia?

RHUAN (voltando para o trabalho): É uma droga. (Clarissa fica decepcionada. Rhuan para de trabalhar) Mi abuelo sempre falava que era drogadito. Disse que desde muito criança ele usava duas drogas... (Clarissa olha surpresa) Sim... e não as abandonou até sua morte: vinho e mulher. (Clarissa mudando, sorri) A pior das duas é a mulher, mas disse que vale a pena; o que não tem risco, o que não é desafio, ele falava, deveria ser aposentado da vida.

CLARISSA: E você pretende se aposentar?

RHUAN (continua trabalhando, como fugindo à pergunta): Ele arriscou tanto que ficou com la abuela e ganharam o ouro dos 50.

CLARISSA: Parece que você prefere continuar falando da morte.

RHUAN: Forma parte da vida. Ele morreu, mas eu o carrego. E quero que meus filhos também...

CLARISSA (com forte ironia): Bom, com todas essas mudanças e avanços maravilhosos, você poderá ter clones.

RHUAN (reagindo): Você me vê com cara de clonar (ficam se olhando).

CLARISSA: Não vale a pena, então, arriscar?

RHUAN: Já arrisquei...

CLARISSA (aproximando-se para bem perto dele): Então?

RHUAN: Perdi.

CLARISSA: Não se ganha sempre.

RHUAN: Se eu ganho... (corrigindo) se ganharmos; este mundo fará um lugar para nós?

CLARISSA (muito terna e acariciando Rhuan) Oh, poeta, este mundo também somos nós, o lugar nós temos de fazê-lo e sem nenhuma garantia. Garantia é coisa do capitalismo, se existisse por que iriam criá-la?

RHUAN: Vê? Mulher é droga mesmo, a gente não sabe bem o que acaba falando. (vai voltar para o trabalho, mas é segurado por Clarissa)

CLARISSA: Você não sabe, mas a droga te disse: somos nós que construímos o caminho, que mantemos acesso o fio do desejo (à medida que ela vai falando, ele começa a olhá-la com tremenda paixão), que podemos fazer do prazer não só dor, quebrar os espelhos que te deixam cego; ou não quer que o sol saia por temer enfrentar a chuva? (ficam se olhando, enquanto o toque de Obá vai aparecendo como se viesse de longe. Rhuan interrompe, dando-lhe o violento beijo ao qual ela responde violentamente, parece que vão se desintegrar ou integrar-se um ao outro. De repente, Rhuan para).

RHUAN: Todos os riscos?

CLARISSA: Todos aqueles que valham a pena. (beijam-se novamente com violência)

RHUAN (tomando os seios de Clarissa com suas mãos e beijando-a): Teus seios são a prova mais contundente, provocativa, instigante de que Deus existe. Eles são também a prova de que tomamos algo nas mãos para nunca poder tomar o mais inquietante da mulher.

CLARISSA: O quê?

RHUAN: O seu silêncio, o seu grito, que são como o vento, que pode descarregar tempestades, mas jamais se sabe de onde vem.

CLARISSA (sedutora e provocativa): Isso forma parte do risco.

FICAM SE OLHANDO UM BOM TEMPO. DEPOIS SE TOMAM AS MÃOS, AS APERTAM COM MUITA FORÇA E DE MÃOS DADAS VÃO SAINDO SORRIDENTES E PREOCUPADOS. UM FORTE TEMPORAL COMEÇA A DESABAR, TROVÕES E CHUVA MISTURAM-SE COM AS BATIDAS, AGORA, É XANGÔ.

RHUAN (entusiasmado): Começamos bem. Há que arriscar, depois de tudo, como disse mi abuelo:

Algun dia estaremos numa boa, bem esticadinhos e quietos
per seculum per seculorum.

CLARISSA (muito alegre): A-ha! Quem sabe, quando sair o sol, seremos dois girassóis, um pouco molhados, é claro.

OS DOIS RIEM ENQUANTO A CHUVA E AS BATIDAS VÃO TOMANDO CONTA DA NOITE. ELES SAEM DO TEATRO, SAEM DO SARCÓFAGO.

CORIFEU: Já se abre o sarcófago
pelo soar dos trovões,
parece andar o caminho
nos pés de Clarissa e Rhuan,

CORO: *Béni o ajagajigi Agidi!! Camará!!*

CORIFEU: Acontecer a história ou não,
deve sempre ter um fim,
se a força de Agidi queimar
um sem começo nem fim arderá.

CORO: *Béni o ajagajigi Agidi!! Camará!!*

BLACK-OUT. DEPOIS DE UM CURTO TEMPO, VOLTA A LUZ NA REPRESENTAÇÃO DA ULN.

26 – O ENCONTRO – 5

JANOS POWER: *Well, then, shall we go?!*

EDMUNDO: (Ficando de pé e esboçando um sorriso): *Let's go!*

ILUMINA-SE A CORDA DE ONDE AGIDI ESTÁ PENDURADA, ENQUANTO O CORO ENTOA OS ÚLTIMOS COMPASSOS DE *"GHOST RIDERS IN THE SKY"*, NA TELA APARECE PROJETADO:

THE END

Junho de 2000

Curitiba
[julho de 2025]

Este livro foi produzido pela Edições Tempora para o edital
Publicação de Obras Literárias - Outras Palavras utilizando
a fonte Figtree sobre papel Avena 80g/m2